José Gil Amora

Luís de Castro

Vi-o, pela vez primeira, numa das avenidas do velho Passeio Público, naquela que ostentava, até pouco tempo, o nome de Caio Prado, de frente ao oceano.

Afável e risonho, apertamo-nos as mãos e sentamo-nos, à sombra das antigas castanheiras em tôrno, conversando, apreciando, lá-baixo o escalvejar rumoroso das ondas revôltas que se quebravam, com estardalhaço, sôbre o denegrido paredão do velho cais.

O sol desaparecia no ocaso. E a tarde dava recepção à noite pelos bicos de gás carbono que, agora, alfinetavam com focos luminosos as frondes verde-negras do jardim.

Olhávamos o mar fronteiro. Admirávamos a violência alucinada dos vagalhões que rebentavam enovelados sôbre a praia.

Em dado momento, Gil estendendo o indicador na direção do oceano em fúria, dizia-me, num riso quase forçado: O mar desta tarde, não sei por que motivo, invejou-me. — Por que? — Porque está com uma bruta "ressaca" como eu!

Durante a noite anterior, que fôra a de um sábado, passara em claro, junto a outros boêmios de sua predileção, num verdadeiro bródio pelos subúrbios da cidade.

Dali por diante, encontrávamo-nos, freqüentemente, quase

sempre à noite, sob a ramaria das velhas mongubeiras da Praça do Ferreira.

Ali, tivemos de adquirir conhecimentos novos com outros plumitivos que ensaiavam os primeiros remígios para vôos mais altaneiros.

De baixa estatura, franzino, possuidor de uma compleição delicada, Gil Amora conquistava simpatias de quem quer que fôsse, pelos seus modos lhanos, pela simplicidade de sua presença, pela modéstia de seu vestuário e, sobretudo, pelo riso perene que lhe franzia os lábios e fechava-lhe os olhos grandes, úmidos, sonhadores.

Fazia humorismo a cada passo, mas, sem sombra de sarcasmo, sem mescla de maledicência, sem resquício de mordacidade. Fazia rir gostosamente, mas sem fazer chorar.

Todavia, não sei por que superior fenômeno de sua índole, os de sua intimidade tinham como certo que aquêle riso perene não era mais nem menos que o aflorar de espumas, de um oceano de tristezas, enchendo-lhe tôda a alma.

Era mesmo assim. Durante horas de silêncio, ou sejam, instantes de contensão espiritual, notava-se-lhe esta anomalia ou, por outra, êste contraste de seu espírito. Possuía, realmente, a psiquê de um triste, de um cético, de um desiludido, de um angustiado, frenteando as coisas do Mundo e as misérias da Vida.

Por êsse ou por outro motivo, ria-se, desejando, também, que os outros rissem através de seus escritos impregnados de humor, saturados de verve, disfarçados em casos de rua ou domésticos, em que sempre havia de aparecer um tipo ingênuo ou mal--amanhado à Charles Chaplin, criando incidentes chistosos, provocando cenas hilariantes, produzindo comentários risíveis, estridentes, jocosos.

Na "Ceará-Revista", tôdas as crônicas traziam o pseudônimo de Zé da Rua, com o qual era conhecido pelos seus companheiros de boemia.

Muito jovem, com o curso completo de humanidades brilhantemente realizado no Liceu Cearense, José Gil jamais tratou de ingressar, como o seu irmão, numa Escola Superior.

Entrou como auxiliar para a farmácia de um seu tio, permanecendo ali até morrer, sem outro ideal que não fôsse aquêle de viver poetando nesse leve descuido do mundo e do tempo, em que a gente pensa, e pergunta introspectivamente: Por que tanta lida, para tão pouca vida ? !

* * *

Humanitário, na acepção mais rigorosa dêsse têrmo, não se fazia de rogado quando se tratava de amparar, auxiliar, de qualquer modo lícito, a quem quer que fôsse.

Como amigo, excedia-se em querer servir ao necessitado de uma coisa que estivesse ao seu alcance.

Sincero, desprendido e honesto, vez por outra, deparava-se-lhe qualquer natureza diametralmente oposta à sua.

Indivíduos viciados havia pela cidade que se aproveitavam daquela sua longanimidade, abusando de sua boa fé.

Um dêles que o acompanhava em noitadas festivas, exuberando em desnecessários obséquios e outras demonstrações artificiosas de amizade, confessou-lhe, certa vez, atravessar terrível crise de entraves financeiros. Funcionário federal, precisava de quem lhe abonasse certa importância em dinheiro. Não encontrara quem o satisfizesse, ainda que pagando prêmio compensador.

José Gil havia pouco transferido por venda a outrem uma propriedade que lhe coubera como herança paterna.

Ao receber a confidência amarga do tal indivíduo, que se dizia seu grande amigo, prontamente entregou-lhe quase tôda aquela avultada quantia, a título de empréstimo, e sem nenhum documento que o positivasse.

Escusado será dizer que o aludido explorador de amizades, conforme ficara averiguado, nunca mais se lembrou de restituir o dinheiro que lhe fôra emprestado com tão boa vontade e sem ágio.

Também, o credor magnânimo, ainda que rudemente prejudicado, não mais se referiu àquele duplo malôgro de amizade e de dinheiro. Pelo contrário, muitas vêzes, chegara a negar que tivesse abonado qualquer quantia a quem quer que fôsse.

A sua índole impunha-se francamente contrária a tudo que transparecesse maledicência ou menoscabo àqueles que procuravam o seu convívio.

Em seus escritos, a facêta humorística predominava sôbre todo o enrêdo de seus contos ou novelas, em que sempre uma deliciosa Dona Quinota se encarregava de fazer o desopilante entretenimento da platéia.

O cenário pintado a rigor encantava e convencia, pela justeza das dimensões e pela veracidade das côres.

Xilógrafo e hábil caricaturista, êle mesmo preparava as caretas ou caratonhas que teriam de figurar no ambiente de suas narrativas pinturescas.

Poeta, escrevia versos tão sòmente quando êstes apareciam à vontade, naturalmente, como uma pancada de vento ou um perfume de flor.

Nunca tomou da pena para grafar um verso que já não estivesse com êle arriado no pensamento. Por isso que as suas poesias (bem poucas) primam pela leveza e naturalidade que encerram, — como de água corrente sôbre um leito desembaraçado e límpido.

O maior empenho de Gil Amora cifrava-se em agradar aos seus contemporâneos, oferecendo-lhes letras sadias e de bom gôsto, muito embora êsses não lhe retribuíssem, com gentileza, o trabalho e o esfôrço empregados na feitura de uma publicação hebdomadária, dedicada a um meio social sem entusiasmo, sem estímulo e, por vêzes, desalentador quando não hostil. Mesmo assim, à custa de renovadas energias e tenacidade invejável, a "Ceará-Revista" rompia galhardamente o espêsso nevoeiro de apatia circunjacente, instruindo, fazendo rir e, sôbre o mais, assinalando uma etapa de vida literária na Terra da Luz.

Aliás, com êsse título publicara-se uma outra revista que teve existência efêmera, uma vez que se entregara a especulações de credos religiosos, escorchando velhas crenças arraigadas há séculos no cerne exuberante de preconceitos de tôda uma população.

Gil Amora não compactuava com tais diretrizes publicitá-

rias. Tampouco cuidava de quaisquer indagações metafísicas. Era, simplesmente, cristão — dizia-nos. Esclarecendo: sou um obscuro soldado das hostes de Cristo. Nada mais!

O eterno feminino não o preocupava como a quase todos nós. E quanto às suas encenações de amor, êle as contemplava com a mesma indiferença com que ministrava água-de-melissa em conta-gotas sôbre o balcão da farmácia que administrava.

Um dia, porém, (diz-se que êle estivera tôda a noite entre copos de cerveja) vira passar por sua frente uma donairosa silhueta de mulher que lhe subira aos olhos, descendo logo depois ao coração. Vestia de branco e tinha o nome sacrossanto de Maria.

Dali por diante, não sei por que capricho de sua habilidade xilográfica, tôdas as **charges** da Revista traziam como "mascote" a querida inicial daquele nome.

Era, realmente, de enternecer aquela homenagem obscura, anônima, sempre nova e sempre repetida.

A dona causadora daquele capricho do poeta nunca suspeitara, aliás, que era tão obstinadamente homenageada.

Um seu irmão, sabedor do que se vinha passando, e sendo devotado admirador do boêmio, convidou-o à sua casa.

Gil, não obstante o seu doentio acanhamento, atendeu ao convite. E lá na residência do amigo teve de vê-la ainda de branco, e, depois, quando cantava, lhe ouviu a voz.

Tanto bastou para que a "Ceará-Revista", no primeiro número após aquela visita, estampasse um sonêto de sua lavra, em que se exaltava, de Maria, a brancura do vestido, a beleza de sua aparência e a sedução que tinha quando cantava.

* * *

Longos dias se escoaram fastidiosamente no ramerrão da vida provinciana. Um dia, pensei em procurar meio de viver em região longínqua. A necessidade imperiosa tangia-me impiedosamente, como a centenas de outros nordestinos, para outras terras.

Viajei com destino ao extremo-norte. Fui conhecer o Amazonas. Por lá passei vários anos. Após incessante labor, retornei às plagas cearenses.

Chegando a Fortaleza, logo que abordei o primeiro amigo, perguntei pelo José Gil Amora.

Que se encontrava bastante doente, responderam-me. — De que? — De todo o sistema nervoso.

Quando eu falei em fazer-lhe uma visita, disseram-me que não resultaria gôsto nem proveito, uma vez que o doente tornara-se surdo, não falava e não distinguia pessoas nem coisas. Havia sido mortalmente ferido por uma paralisia do cérebro.

Chocou-me terrìvelmente tão lamentável notícia. E porque indagasse onde, como e quando havia acontecido semelhante infelicidade, davam-me informações diversas que eu as recebia com o desprazer de quem espera um dia de sol e recebe sôbre a cabeça um temporal desfeito.

Em comêço, asseguraram-me, apareceu-lhe um mêdo a tudo, inclusive aos homens. Possuira-se, ademais, de uma gritante misantropia. Recolhera-se à residência de sua dedicada mãe, ocupando-se em escrever panegíricos à Virgem Santíssima.

Mergulhara no misticismo. Ainda falava, ainda pensava, ainda escrevia a êsse tempo. Meses depois, seus males, talvez devido a novas extravagâncias, agravaram-se. E um dia teve alucinações. Foi como o bruxolear derradeiro do espírito brilhante que fulgia, fugindo . . .

Tive de vê-lo por último, em companhia do irmão, sentado sôbre o banco de um veículo urbano, na Praça do Ferreira. Falei-lhe várias vêzes, carinhosamente. Não me respondeu. Nem se deu ao trabalho de lançar-me os olhos. O seu olhar pervagava por longe, perdido alto num devaneio de indagações mais altas, pela imensidão do Azul.

Ali permanecia tão sòmente o corpo. O seu espírito de há muito desertava dali.

Poucos dias decorridos, aquêles olhos se fechavam para sempre.

No dia de sua morte, tive de ver a donairosa Maria dos seus

sonhos, lembrando-me do sonêto que lhe fôra dedicado, e que aqui transcrevo:

DE BRANCO

Tôda de branco, como a vi, parece,
Na sua de jasmim celeste alvura,
Dos céus um anjo que, fugaz, viesse
Espairecer, na Terra, a graça pura ...

Como o sidéreo azul, quando anoitece,
De fulgores semeia a alta planura;
Assim, esta alma quando ela aparece,
É como astros luzindo em noite escura.

Oh! mulher divinal, meiga e formosa!
Que me fazes lembrar a nívea rosa
Que as pétalas desata à luz do dia:

Canta em minh'alma como um passarinho!
Tua voz embriaga mais que o vinho;
Deixa que eu morra ao som dessa harmonia!